

# Germinal!

## Semanario anarquista

Administração: R. Felipe — Redacção: Florentino de Carvalho — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

ASSINATURA

Anual

10\$000

Semestral

6\$000

### EM SANTOS

## Episodios de uma greve

**A suspensão do trabalho - O locoute - O boicote - Chegada de criminosos - Choque com os traidores e a policia - Varios operarios feridos e 75 presos - Assalto e saque das casas dos operarios a altas horas da noite pelos esbirros policiais - Indignação geral.**

A hiên burgêsa saciou mais uma vez a sua sede de sangue e de perfidia. O moderno guarda pretoriano teve o ensejo de desembanhar o seu espadagão para acutilar o povo e defender o imperio capitalista.

E' fatal. Não passa uma greve, um protesto do operario contra o patrão em que os cabos do exército de fancia não intervenham, prendendo, espancando ou assassinando as victimas da exploração. Uma nova intervenção acaba de ser levada a efeito pelos representantes do Estado vandálico reinante.

Ha varias semanas os operarios de pedreiras da Companhia Constructora haviam-se declarado em greve reclamando aumento de salario.

A Companhia teimou em não roubar menos aos operarios e preferiu suspender temporariamente o trabalho nas pedreiras.

A esta especie de locoute os operarios responderam dedarando o boicote. Nas obras da Companhia os trabalhos continuavam regularmente.

Estava o movimento neste pé quando recebemos a noticia de que a Companhia resolveu reanudar o serviço com turmas de carneiros iludidos pelos aliados de gente.

Os operarios que haviam abandonado o trabalho, ao terem conhecimento disso dirigiram-se ás pedreiras, a maior parte situadas no Itararé, afim de prevenir aos recém-chegados que não deviam trabalhar.

Conhecedores de que a policia morre por encontrar uma ocasião para espancar os trabalhadores, tiveram a precaução de cortar os fios telefonicos, com o proposito de resolver a questão antes de que os fusileiros fizessem a sua sinistra aparição.

Incontinente convidaram os adventícios a abandonarem o trabalho.

Os grevistas, que calmamente se haviam apresentado para convence-los da necessidade de prestarem a sua solidariedade, foram, por estes e pelo feitor, ameaçados com revolvers, e intimados a abandonar as pedreiras, pelo que se viram obrigados a repellar a ameaça, e, apesar da presença de quatro praças de armas embaladas, que em vez de procederem contra os provocadores, se dispuzeram a auxiliá-los, travou-se um pequeno conflicto, que não haveria tido maiores proporções se, pelo aviso de um tal Isaac Xavier dos Passos não tivessem comparecido todos os esbirros da cidade, que com furia, canibalesca entraram em acção.

Unicamente a tenaz resistencia oposta pelos camaradas evitou que fossem massacrados.

Assim mesmo os esbirros electuaram a prisão de mais de 75 companheiros, entre eles Manoel Garcia, Jesus Vale, Valerim Salgado, Amelio Luis, Eletuerio Neves, Abilio Tomás de Abreu, Luis Vincente Coelho, Adelino Ramos, Francisco Gaido, Antonio Lopes, Antonio Coelho, Albino Francisco, Manoel dos Santos, José Terra, Costantino Quintas, Francisco Ferro, Anselmo Fernandes,

Antonio Gomes, Manoel dos Reis, José Jorge, Bernardo Nevoa Manoel Vieira Soares e Joaquim Oliveira, que resultaram feridos.

Muitos mais foram feridos pelos maños, mas destes não temos ainda noticias detalhadas.

De acordo com a torpe tactica policial, as autoridades apontam como chefes do movimento os camaradas Juventino Barreiros, José Bugalho, Serafim Caranés, Vicente Ventani e Evaristo Martins, que também se acham detidos a disposição do secretario da Segurança capitalista.

Depois desta chacina, a altas horas da noite os tacinoras, acompanhados de forte escolta de soldadas, chegaram ao Itararé, próximo ao local onde estão as pedreiras da Companhia, e arrombaram as portas das casas dos operarios, penetraram nelas, repartindo golpes e insultos imundos a quantas pessoas encontraram, sem reparar se eram mulheres ou crianças; destroçaram armarios, malas, etc.; esvaziaram tudo e, fazendo um verdadeiro saque, levaram o dinheiro e os utensilios de valor que encontraram, corroborando o que muitas vezes temos dito: que os defensores da propriedade são os maiores ladrões.

A indignação é geral. A imprensa burgêsa soube silenciar estes factos porque assim convém ao seu abnegado patriotismo, um patriotismo que serve de capa a todos os crimes e infâmias.

Muitos dos camaradas presos que iam ser postos em liberdade deram um exemplo edificante de solidariedade e de justiça, declarando que não saiam da prisão enquanto não saíssem os demais companheiros: «ou todos ou nenhum».

Este elevado rasgo de hombridade deve servir de estímulo para que os trabalhadores promovam uma viva agitação de protesto contra as façanhas policiais e contra a prisão dos camaradas que se encontram detidos.

E' provavel que muitos destes venham para São Paulo, afim de serem expulsos ou martirizados no postos policiais.

O operariado em geral não pode permitir que se cometa mais uma infâmia, e desde já deve comover todo o país com manifestações e todos os outros meios de combate ao seu alcance.

### Sequestro de um trabalhador

Apoiada na indiferença popular a policia continúa a cometer arbitrariedades terroristicas.

O Rodrigues Alves é um velhote de carne e osso, como qualquer animal; come, bebe, fuma e satisfaz outras necessidades ou vícios, da mesma forma que os pobres e desprezados vagabundos, habitantes do calabouço da Cadeia Pública. E' um parasita, um inútil e prejudicial ao bem estar geral.

Pois bem, se, para evitar o enorme dano que causa, um grupo de cidadãos o sequestrasse, todo mundo se poria em movimento: a policia, o exército, a marinha e até a guarda nacional, mobilizariam os seus contingentes, e o povo organizaria batalhões de voluntarios para resgatar a preciosa joia roubada pelos bandidos. A imprensa encheria todas as suas páginas reclamando o massacre, a guilhotina, a crucificação e a fogueira para os sequestradores.

Agora atendam: A policia está cometendo esse mesmo delicto com um tralhador honrado, que nada fez pera cair nas garras dos caçadores de homens.

Alfredo Bernardini — tal é o nome da victima — ha quinze dias está em poder da policia, não se sabe onde. Em todos os postos tem sido procurado pela familia, com resultado negativo.

Foi, em seu favor, impetrada uma ordem de habeas-corpus, mas, á requisição do juiz, a policia respondeu que já havia sido posto em liberdade.

Mas o certo é que Alfredo não aparece, está sequestrado em algum posto policial, se já não lhe deram algum fim mais sério.

Pensem, comparem, e digam depois o que é que a policia está provocando, e o que se deve fazer.

### A' imprensa libertaria

Não vou a exagerar, vou narrar a verdade nua, exposta por um homem livre que viu as miserias e privações que o colono pessa nesta terra.

A imprensa subvencionada pelo governo e pelos fazendeiros, quando surgem movimentosos operarios nas cidades ou fazendas chama a atenção das autoridades para que exerção toda sorte de violencia contra os operarios, dizendo que esses movimentos são obra de agitadores estrangeiros que aqui propagam idéas que não tem razão de ser, visto que neste país, o proletario ganha salarios elevados e tem tudo quanto lhe é preciso para viver, e os que fazem reclamações são perturbadores da ordem.

Os jornalistas burgueses vivem de traçaças, de todas as nocividades e de tudo quanto concorre para deturpar a verdade.

Vou demonstrar as condições em que vive o trabalhador agricola, pois é este um dever de todo homem que se considera emancipado.

Uma familia composta de 5 pessoas, trabalhando desde o amanhecer até a noite, pode tratar de 7.000 pés de café, aproximadamente.

O tratamento de cada mil pés de café é pago á razão de 120\$000 por ano.

O pagamento é feito cada 2 meses, de forma que cada familia recebe 70\$000 mensais para sustentar 5 ou 7 pessoas.

Cada pessoa precisa de generos no valor de 2\$000 diarios para a sua manutenção.

A colheita póde durar 4 ou 5 meses. O colono pode colher uma média de 3 alqueires de café, que são pagos a 600 reis cada um, isto é, 1800 reis por dia. Durando a colheita 120 dias, receberá 196\$000.

Como se vê o trabalhador agricola não ganha para cobrir as despesas.

Eis porque o colono deserta da fazenda; vendo-se privado de tudo, e ameaçado pelo negociante a quem lhe é im possível pagar, a fuga é a unica solução que lhe resta.

Além da tirania económica o colono tem sobre a sua cabeça o chicote do capanga e a carabina do fazendeiro.

Apelo para que a imprensa libertaria faça uma campanha formidavel contra esta exploração, e diga bem alto que no Brasil o trabalhador não ganha para comer, e que, para melhor explorá-lo, o governo forjou uma lei draconiana afim de expulsar os que se revoltam contra tanta monstruosidade.

S. Paulo, 7-6-913

José Perez Martins

### O MEU VOTO

A desmantelada máquina do Estado dá, em diversas épocas, muito trabalho á gente da cavação.

Os deputados, senadores, vereadores, presidentes, desde que terminam o compromisso de esbanjar os contos de réis mensais dos seus honorarios, as verbas extraordinarias, tiradas do tesouro do Estado e as gratificações das emprêsas e dos que andam em procura de emprego, despertam da orgia e voltam á baila da disputa dos cargos públicos, fontes inexgotaveis de ouro, de distincões, e com os quais os maiores neofitos podem celear-se.

Não ha meios de abater os impostos, as tarifas alfandegarias e aumentar o salario dos que trabalham, mas ha milhares de contos para inundar as redacções dos pasquins politiquieiros e propagar a virtude immaculada, a eminencia dos super-homens, que se dizem capazes de codificar a felicidade do povo, o progresso e civilização da patria, deusa venus de todos burgueses degenerados; ha verbas para manter milhares de cabos eleitorais que vivem a fazer promessas e a passar o conto do vigario aos trabalhadores.

A evolução politico-legalitaria está aqui em estado preistorico e, por isso, os partidos politicos atendem menos aos principios e programmas do que as componendas oligárquicas.

O que também não importa é o nome; qualquer partido pode tomar o primeiro que se lhe de pare, sem comprometer os seus propósitos.

Ulisses Martins, um politiquieiro infeliz e desequilibrado, a quem o operariado consciente voltou as costas, acha que o operariado pode organizar um partido socialista e, ao mesmo tempo, ajudar o governo do marechal Hermes... a sustentar a lei de expulsão, prender e assassinar trabalhadores, bombardear cidades, massacrar marinheiros rebeldes e aplaudir o Mario, que ha pouco, na Camara, votou em favor da restricção da liberdade de imprensa.

O mais engraçado é que Ulisses sonha com uma conciliação entre os anarquistas e os socialistas... do Hermes.

Se tomássemos a questão a sério diriamos que os socialistas legalitarios e os anarquistas estão em dois polos opostos: o polo autoritario e o polo anárquico, e são, portanto, inimigos irreconciliaveis.

Os bebês lá de casa sabem isto, e o Ulisses também não o ignora.

Mas o campo anarquista é algo árido, requer dos militantes certo espirito de abnegação e sacrificio, sem outra recompensa do que o progresso da propria obra.

Porisso, os que chegam a este campo com ambições pessoais, ou julgando que é um mar de rosas, estão chamados ao fracasso, e, muitos, arrastados pelas decepções, degeneram-se e deixam-se ir a mercê de todas as baixezas e vilanias.

Neste caso encontra-se o infeliz Ulisses, que, iludido com a sua apócrifa intellectualidade, aspira a ser um dirigente d s povos, um legislador.

Ele está sciente de que a politica é a ressaca da depravação moral da sociedade.

O Capital, o militarismo, a religião são males de pouca importancia, comparados com a politica.

O politico é a personificação do tipo enciclopedico em todas as habilidades da mentira, da calunia e da infâmia.

A carreira politica é a maior carreira de depravação.

Enriquecer em pouco tempo com o que se rouba á Nação e depois fazer-se aplaudir por ela, é demonstrar habilidade.

Quem não sabe fazer isso não é politico, é um bobo condenado a morrer de fome.

Cada aspirante ao parlamento é um aspirante á exploração e ao mando, um carrasco do povo, em miniatura.

Como os que estão no poleiro, quer votar leis, impostos, orçamentos, para sustentar a magistratura, o exército, a policia... com o fim de defender o capitalismo e as outras instituições, que consomem o que o povo produz e só ao povo negam o direito de consumidor.

Com o Ulisses não se pode tomar nada a serio, porque esse propagandista é o cúmulo das incoscencias e das mistificações, é um extraviado que, por sua perturbação psicologica e a intenção manifesta de desbaratar o movimento operario do Rio, foi-lhe caçada a sua credencial de delegado ao Comité Confederal da Confederação Operaria Brasileira.

Do partido que surgiu das deliberações do chamado 4.º Congresso Operario, só se pode dizer que é nominal e que, se existe, é uma filial do partido do marechal Hermes, uma cáfila de confidentes policiais, como já foi provado mais de uma vez.

Façam os politiquieiros o que entenderem, no intuito de viverem sem trabalhar e conquistarem medalhas, como os negros de Madagascar; estão no seu papel. Mas o povo, as classes laboriosas devem estar de atalaia contra esses bandidos de cara meiga e alegre que auxiliam a burguesia na arte de governar, oprimir e explorar o proletariado.

Essa ralé não merece ser ouvida; ela não atende a razões, a argumentos, o seu fim é triunfar por todos os meios, os mais vis e infames.

Ela compõe-se de larapios e de caftens, de vampiros, que só podem ser recebidos a pontapés.

GRACO

### Aos assinantes da Mogiana

Avisamos aos nossos companheiros e assinantes, que serão visitados pelo companheiro Rodolfo Felipe, que segue em viagem de cobrança.

Esperamos de todos a atenção necessaria para facilitar a sua tarefa.

... — Nenhuma classe se eleva á direcção social se primeiramente não conseguir colocar-se em condições materiais de superioridade sobre a classe que pretende substituir.



# Escravidão voluntária

## Aos trabalhadores da construção civil

As classes da construção civil, de São Paulo, comemoraram há pouco a conquista da jornada de 8 horas.

Essa conquista foi feita a custa de uma porfiada luta, e por ela muitos camaradas foram parar na prisão, e outros sofreram perseguições dos patrões e das autoridades.

Essa comemoração foi um acto estranho, posto que essas classes perderam já essa conquista.

Não me dirijo aos organizadores da velada comemorativa, dirijo-me ás classes em geral, que não souberam manter essa conquista e inutilizaram bastante o esforço de muitos lutadores.

A escravidão operária é em muitos casos obra dos próprios operários.

Neste caso encontram-se os da construção civil. Em vez de permanecerem associados e activos na luta quotidiana, preparando o terreno para novas conquistas, imbuíram-se no indiferentismo e nas ambições mesquinhas, fazendo extraordinários e prestando mais atenção ás ordens do patrão do que aos seus próprios interesses e direitos, e traicionaram por essa forma a sua própria causa. Hoje é rara a obra na qual se mantenha o horário de 8 horas.

Procuraram no extraordinário aumento de salário, ilusório, e encontram-se trabalhando nove ou mais horas, pelo mesmo salário que quando trabalhavam somente oito.

Nos seus lares instalados em porões húmidos e infectos, onde não penetra o ar puro nem a luz, as famílias asfixiam-se na atmosfera envenenada por microbios de toda espécie e desfalecem porque o comerciante não fia e não tem com que comprar os géneros de primeira necessidade.

Os operários vão para as obras levando por almoço um pedaço de pão e algumas bananas, e como sobremesa tem no local do próprio trabalho uma torneira de água fria; isso constitui a sua apipara refeição.

Pretende-se com isso iludir o estômago, mas este não se ilude, revolta-se protestando, e não tardam em aparecer doenças e mais doenças, que nunca mais se curam e que inutilizam o homem, impossibilitando-o de sustentar a sua prole.

Com este desastre mais ou menos lento em que o trabalhador se arremessa voluntariamente, acontecem a cada passo numerosos accidentes que victimam muitos trabalhadores, não porque os patrões não zelm pela segurança dos andámes, mas porque os próprios trabalhadores não exigem essa segurança.

A uma ou duas horas de trabalho depois do horário valem por quatro ou cinco das primeiras horas, porque exigem um excesso de energias dos organismos lassos por oito horas de trabalho já realizado. Durante este tempo, como é fácil compreender o trabalhador fatigado não pode prestar tanta atenção ao que está fazendo, aumentando as probabilidades dos accidentes.

Os pintores devem saber que as doenças causadas pelas tintas, especialmente pela alvaide, que ocasiona frequentemente in curáveis cólicos saturninos, que não poucas vezes produzem a morte imediata, são provenientes de um trabalho continuado, aspirando-se em enorme quantidade as exalações das substancias de que as tintas se compõem.

A classe dos carpinteiros também está exposta ao envenenamento por ácidos de varias espécies de madeiras.

Os pedreiros são constantemente atacados de molestias contrárias nas demolições de edificios velhos. O mesmo succede aos electricistas nos forros das casas antigas, quando antes não são fulminados pelos arcos eléctricos.

E assim, sucessivamente estas e as demais classes correlativas estão em constante perigo de vida, perdendo as suas energias e a sua saúde.

Os salários estão a mercê dos patrões: pagam o que muito bem entendem e quando entendem.

Quasi não há operário que não tenha sido estafado pelos empreiteiros.

A dignidade dos trabalhadores arrasta-se pelo chão debaixo da bota dos patrões, que jogam com eles ao seu belprazer.

Por vingança ou por capricho, insultam, humilham e despedem os que não suportam humilde e estupidamente as suas prepotencias e, mais ainda, os que são bastante imbecis para tirar o chapéo a cada gesto do feitor ou do explorador.

Os serventes e aprendizes são os que mais sofrem e os contam com menos elementos de defeza: desde o patrão até o oficial pouco emancipado, submetem-os a uma serie ininterrompida de gritos e de frases revoltantes que sobram para provocar a ira e dar como resposta uma pedrada.

Há certamente alguns camaradas alivios que lutam por afirmar as conquistas realizadas e manter latente na classe o espirito de rebeldia, de solidariedade, e desenvolver á consciencia dos trabalhadores. Uma abrumadora maioria, porem, impossibilita e

destrói essa obra de dignificação, com a sua hostilidade de refractarios inconscientes.

Os que se querem fazer respeitar, os que reclamam os seus direitos e os das classes em geral, não se lhes dá trabalho, declarando-se-lhes a guerra da fome. E assim marcham os trabalhadores de ruína em ruínas, em uma attitude que venha salvar a situação. E marcham voluntariamente porque uma pequena decisão seria bastante para deter o avanço patronal e acabar com os seus inqualificaveis abusos.

Porem isto não se opera milagrosamente: é indispensavel agitar a consciencia da classe e conseguir desenvolver as facultades mentais de certo número de interessados, o que só se pode fazer distribuindo livros, folhetos e jornais de propaganda, realizando conferencias, assembleas e organizando as classes em entidades de combate e revolucionarias, que façam praticavel a solidariedade.

Tudo isto é mais ainda é preciso para que o operariado se inicie na luta pelas suas reivindicações e para a transformação do regime actual; é preciso porque está todavia muito atrasado.

Se houvesse ao menos uma minoria de revolucionarios capaz de realizar essa transformação iriamos imediatamente á Revolução Social.

O que existe é uma minoria apta para preparar a incubação revolucionaria. Essa minoria, no interesse proprio e das colectividades, está no seu dever de unir-se, agir por todos os meios possiveis afim de chamar as classes á luta pelos direitos dos trabalhadores, levando de vencida os empreiteiros e a sociedade burguesa, da qual fazem parte.

As reivindicações dos trabalhadores só podem ser conquistadas á viva força.

Antes de sofrer e morrer como escravos voluntarios é preferivel lutar.

A experiencia ensina-nos que só a este preço o trabalhador se faz valer e respeitar.

F. DE CARVALHO

## A liberdade

É incontestavel que o mundo obedece a leis, que todos os fenómenos, do maior ao menor, obedecem a leis que podem reduzir-se a fórmulas, de forma que o homem pode prever o que acontecerá no planeta. Evidentemente; é impossivel livrar-nos destas leis naturais: pelo nosso organismo, pela nossa constituição fisiologica e psicologica, somos seus dependentes. Vivemos segundo certas formas ás quais o nosso cerebro nos obriga. Formamos parte de um conjunto e não podemos fugir-lhe. No entanto, se estamos sujeitos a um fatalismo cosmogónico, não quer isso dizer que não podemos escapar á certos fenómenos ou ao menos ás suas consequencias.

Não podemos evitar uma tempestade; os magos, peles vermelha ou negros imaginam que com os seus conjuros podem deter a tempestade, mas podemos abrigar-nos da chuva. Somos impotentes para deter a erupção de um vulcão, porem podemos evitar as suas lavas.

Ao nascer, o homem sentiu-se oprimido pela natureza e sentiu o instinto da liberdade, mas por uma estranha contradição, á medida que desenvolvendo-se poude mais facilmente evitar a influencia da sua madrastra, da natureza opressiva, foi copiando os seus modos de governo.

Estudou-se a si mesmo, soube reconhecer que a sua cabeça dominava os seus membros e os filósofos deduziram destas observações a necessidade da jerarquia. Observou certas subordinacões naturais, inevitaveis e fatais e tirou em conclusão a sua propria subordinacão. Emfim, reconheceu que o mundo inteiro marcha segundo imutaveis e inevitaveis leis e convenceu-se de que a humanidade não poderia desenvolver-se e viver senão com a ajuda de certas leis, sob o seu exclusivo e absoluto dominio.

Procurou então conciliar o seu desejo de liberdade com a necessidade de certas leis. Estabeleceu o principio e não querendo estar em contradição preferiu dizer que se não possui o que deseja a causa está no facto de que as leis estão mal feitas.

Deixou de crer em deus, na realza de direito divino, e conservou a crença na lei. Fez desta lei um fetiche, um primeiro idolo, e a lei teve os seus mártires e os seus loucos, como a igreja, como a monarchia. Sacrificou-se a ela, atribuiu-lhe nma existencia absoluta, não quiz ver que as leis eram abusivas, ruins; continuou crendo na lei. Os nossos modernos revolucionarios riem-se dos indios que se deixam esmagar pelas rodas dos carros dos seus deuses, porém adoram uma deusa cruel: a lei. A divindade dos indios destrói corpos, a lei destrói energias e macula as almas.

Da lei esperavam os nossos socialistas a saúde.

Lei sobre o trabalho, sobre a sua regulamentação, sobre a sua duração; lei sobre a propriedade colectiva, sobre a distribuição dos bens, lei sobre a instrução, lei sobre a hospitalidade, lei sobre os socorros aos debeis, aos inválidos do trabalho. E assim, em nome da liberdade chega-se á mais estranha, á mais louca das concepções, segundo a qual os menores actos dos homens estarão previstos previstos; ordenados regulamentados com leis.

E' bem possivel que se realizem estes sonhos. Tempos virão em que ninguem poderá viver fóra dos sindicatos e corporações futuras. E, quando o Estado opressivo — pois a lei supões o Estado e sem ele não se concebe, — quando o Estado opressivo tenha aniquilado todas as incitativas, destruindo todas as individualidades, reprimindo todas as aspirações; quando os homens cairem no mais espantoso dos despotismos, compreenderão o sentido da palavra liberdade e desejarão conquistá-la ardentemente.

Quem diz lei diz autoridade, quem diz autoridade quer dizer governo, quem diz governo quer significar opressão e contrariedade, e por tanto, dizendo lei afirmou-se tudo quanto é contrario a liberdade.

Fazemos leis para proteger as nossas liberdades, dizem alguns. Que significa isto e que liberdade é essa que necessita estar protegida?

E' a liberdade daquelle a quem se deu um conselho judiciario.

E' o mesmo que dizer: para ser livre forjar-me-hei cadeias. E não nos afirmem que a lei nasce do contracto livre. Primeiramente porque para que o contracto seja livre é necessario que o sejam as partes contratantes. E nunca o foram.

As leis foram sempre impostas por alguns e sofridas pela maioria.

A lei, portanto, nunca pode dar a liberdade, pois a liberdade não se proclama como se fosse um governo provisório; sai dos homens, do fundo das suas entranhas e cada um tem que criá-la, se a quizer gozar.

Levamos a liberdade dentro de nós mesmos. Não depende senão de nós mesmos, e somente nós individualmente podemos realizá-la.

Quando vira? Quando tivermos matado todas as divindades que pensamento temos criados; quando tivermos despedaçado os laços que nos unem á tradição; quando tivermos compreendido que todos os governos e todas as leis são prejudiciaes, precisamente por serem leis e governos.

Comecemos pois por abater os idolos que levamos dentro de nós mesmos; estes idolos chamados Estado, Patria, Religião, Propriedade, e que nos impedem pensar, que nos guiam, que nos dominam, que nos oprimem, que nos impedem viver.

Conhecei-vos e sereis senhores de vós mesmos e quando o seiais a autoridade terá fenecido, e só então podereis tratar livremente, viver na igualdade sab um sol que será bom para todos.

B.

## O inferno dos trabalhadores

Em Ribeirão Pires

Quando o delegado da Confederação Operaria Brasileira chegou á Europa, explicando a situação do operariado no Brasil, quando a Federação Operaria de Santos publicou uma circular, no mesmo sentido, e quando nós afirmamos que a vida do trabalhador neste país é espantosa, o jornalismo civico não se cansou de gritar que tudo era mentira, que caluniávamos, com o propósito de desmoralizar o Brazil e provocar conflitos.

As nossas afirmações foram corroboradas por infinidade de factos, muitos dos quais essa mesma imprensa não poude ocultar.

Hoje vamos levar ao conhecimento do publico outro facto importante que deve preocupar profundamente a classe trabalhadora.

Fivemos ocasião de visitar uma pedreira proxima á Ribeirão Pires.

Uma pequena cordilheira, quasi circulas, esconde um vale pantanoso, uma varzea de aguas estagnadas que acumulam as impurezas da putrefacção vegetal da lhanura e as provenientes das montanhas, arrastadas pelas chuvas, formando uma atmosfera pestilencial, causadora de inúmeras enfermidades.

Proximo á cima dessas montanhas encontram-se as penhas onde numerosos trabalhadores, sob o sol, a chuva ou o frio, labutam desumanamente, desde o amanhecer até a noite, e não raras vezes se vê alguns chegarem ás suas residencias com os membros extropiados por efeito da queda de uma pedra, ou de uma explosão.

Quasi no fundo do vale estão agrupadas varias linhas de casas; destas só uma merece este nome, é a do administrador; as outras são verdadeiros chiqueiros, a maior parte construidos, com tabuas distanciadas umas das outras e cobertas com folhas de zinco e assoalhadas com terra.

A falta de higiene de abrigo nas habitações faz harmonia com a higiene e abrigo dos homens das mulheres e das

crianças, cobertos com farrapos. Muitos andam descalços.

A miséria é a sua companheira inseparavel.

As doenças minaram de tal forma aquelas famílias; que é raro ver alguma pessoa que lhes tenha resistido.

O assassinato, dizem os criminalistas, é um crime. Pois bem, ali, entre essa pequena cordilheira, o patronato está assassinando impunemente centenas de pessoas de diversos sexos e idades matando-as á força de trabalhos e misérias, num meio em que a vida e a saúde não tardam em desaparecer.

Nas outras pedreiras deve acontecer o mesmo, e ninguem se incomoda.

Só os trabalhadores, só as victimas desses crimes podem proceder contra os culpados e conquistar uma vida melhor. Para isso é preciso rebelar-se, unir-se, instruir-se e finalmente destruir esta sociedade capitalista e autoritaria.

## Contra a prisão de Joubert e a lei de expulsão

Parece uma ironia clássica de homens sem escrúpulos a prisão do nosso companheiro Joubert, que se encontra nos calabouços da Penitenciaria da capital deste Estado, pelo crime de saber manter uma attitude digna de operario consciente perante um individuo tirano e escravocrata de profissão.

Os escravocratas paulistas auxiliados pelo não menos escravocrata governo, não trepidam nem receiam reprimir a liberdade de um trabalhador que tem a altivez de dizer que todo individuo que vive á custa do suor de outros individuos é um estorquidor, um ladrão.

Joubert está sendo um mártir da sanha da burguesia paulista, assim como o companheiro Anta, que foi preso em Santos, no dia 5 de janeiro deste ano, quando ia pedir ao mata-mouros Bias Bueno licença para realizar um comício popular, afim de protestar contra as iniquidades praticadas pelos governos argentino e brasileiro contra os povos dos respectivos países.

Devido a grande agitação popular Anta foi posto em liberdade.

Agora temos ainda o companheiro Joubert gemendo encurralado nas mazmorras de uma prisão, pelo simples capricho de um burguês sorocabano, e é urgente procurarmos todos os meios afim de arrancar dos bárbaros autoritarios o bravo camarada, que sabe sofrer em prol de um ideal de redenção: a Anarquia.

E' preciso pois, companheiros, não esquecermos de fazer valer os direitos dos produtores e derrubar as novas Bastilhas que se antepõem ao progresso e á civilização.

E' preciso voltarmos a nossa cólera de revolucionarios intransigentes contra essa horda de abutres que se intitulam chefes do Brasil, como Rodrigues Alves e Hermes da Fonseca.

Companheiros: lancemos o nosso protesto de indignação contra o despótico governo do Estado de S. Paulo, exigindo a todo o transe a liberdade do companheiro Joubert, e a derogação da monstruosa lei de expulsão, fruto da doentia e jacobinissima lavra de Adolfo Gordo, pois assim demonstraremos que entre os trabalhadores existe a força potente da consciencia e da solidariedade.

Santos, junho, 1913

Bento Rodrigues.

## A filha da "Rotunda"

Os caudillos republicanos portugueses atacaram a extinta monarchia, acusando-a de tirânica e causadora da grande miséria que reinava entre o povo.

Ao mesmo tempo prometiam a este uma República social onde teria trabalho, pão e liberdade. O povo entusiasmou-se e fez a República.

Agora, porem, encontra-se na mesma ou pior situação de miséria, tal é assim que durante as festas camoneanas que acabam de realizar-se, o povo faminto fez ver que não estava para assistir a festas e bacanaes burguesas emquanto ele está com o estômago a dar horas.

Os parapeitos e demais bambochatas foram destruidos pelos famintos, e até uma bomba avisou que vinha completar a festa.

O governo dessa republiqueta filha da Rotunda, achou o momento proprio para reprimir a luta operaria e libertaria, e sequestrou edições de jornais, panfletos e livros, fechou as sedes das associações anarquistas e a Casa Sindical, declarando não

permitir mais o seu funcionamento na cidade de Lisboa.

Houve também prisões e deportações em massa.

Mas o povo continúa a ter fome, a reclamar pão e liberdade.

Decididamente se convence de que precisa fazer outra revolução.

A filha da « Rotunda » é uma das tantas repúblicas que só servem para dominar o povo e sugar-lhe a última gota de sangue.

Monarquias ou repúblicas, e governos de toda especie, só podem ser bons quando forem reduzidos a cinzas.

## DECLARAÇÃO DE PRINCIPIOS

Da batalhadora Federação Operaria de Santos recebemos a declaração de principios aprovada em uma das suas ultimas reuniões.

Com prazer publicamos varios trechos dessa declaração, fiel exponente do grande progresso alcançado pela cultura e capacitação revolucionaria do proletariado santista.

« Federação Operaria » de Santos

Declaração de principios

Bases

A instituição do patronato, do sistema capitalista e as suas novas organizações, os trusts, assim como os impostos, as tarifas, os privilegios de propriedade e de exploração, constituem a extorsão organizada do producto do Trabalho e dos elementos de produção, privando a humanidade dos elementos indispensaveis á subsistencia diaria, dos generos criados pelas suas proprias energias e facultades.

O progresso da maquinaria a especulação, a substituição do homem no trabalho, pelas mulheres e crianças, a assombrosa concorrência e desocupação que aumenta por uma forma alarmante, aboliram o salario como meio de subsistencia dos trabalhadores.

Estes fenómenos de desequilibrio económico determinam as classes laboriosas a resistir contra esses fenómenos que as aniquilam pela fome e pela miséria.

Finalidades

As aspirações da « Federação Operaria » de Santos tem por fim a emancipação dos trabalhadores pela transformação económica e social, unindo-se ao proletariado universal para a tomar possessão da terra e dos instrumentos de trabalho, organizar livremente a produção e o consumo, inaugurando a sociedade dos produtores livres pela supressão de todos os tiránicos poderes do Estado e da autoridade, e instaurar a nova vida segundo os mais elevados e scientificos principios de economia e de sociologia, inspirados no Comunismo Anarquista.

Santos, junho, 1913.

O COMITE FEDERAL

Nestes momentos de reacção as declarações que acima publicamos são uma resposta digna ás bravatas burguesas.

Quanto mais brutal é a repressão mais se afirma a consciencia do proletariado e mais se define a sua orientação na luta pelas suas reivindicações.

O materialismo histórico, isto é, a evolução das sociedades, determinada por causas materiais ou economicas, ensina-nos, entre outras, cousas muito principais:

— Que todo o Estado politico é orgão defensor da classe que o criou para que lhe defenda os seus interesses economicos.

Leggete La Barricata

# La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

UOMINI, FATTI E IDEE

24 GIUGNO - 1894

Da un ricordo all'altro

Siamo al ventiquattro giugno, data memorabile che il dovere e la coscienza c'impone di commemorare. Sì, commemorare; non già perchè noi vogliamo fare dei martiri di coloro che seppero lottare e morire per un'idea bella e sublime — che è anche la nostra — degli idoli, ma perchè siamo animati da una stessa forza di ribellione, e guidati dagli stessi principii e fini.

Del resto la Storia registra e noi commentiamo.

Sante Caserio, malgrado gli insani tentativi fatti dal trionfante di Motta Visconti, riuscì tuttavia illeso e pulito da quelle insidie tesegli.

La sua bella e rubiconda persona attirava l'attenzione di tutti i suoi compaesani.

Finché sono riusciti a farlo loro preda, si servivano di lui nelle feste religiose per rappresentare il piccolo S. Giovanni.

Ma ben presto il biondo e simpatico cherubino dovette lasciare la madre e tutti gli spignimoccoli di Motta Visconti per affrontare la dura lotta del lavoro e del pane quotidiano.

S'impiegò in Milano nel forno Tre Marie come panettiere. Vedendosi in continuo contrasto fra capitale e lavoro, subito si manifestò in lui una forza nuova ed un coraggio senza pari.

Riflettè un istante, poi abbracciò l'ideale anarchico. Vinse così tutti i pregiudizii brutali e materiali che la società gli aveva inculcato. Divenne così anarchico nel vero senso della parola.

Lo vediamo nei rioni prossimi alla Camera del Lavoro a distribuire pane, opuscoli. Lo vediamo pure in mezzo all'acozzaglia dei coscritti e dei birri a distribuire opuscoli d'indole anarchica e anti-militaristi, per questi delitti venne inesorabilmente dai segugi del massacratore Umberto Biancamano condannato a 11 mesi di reclusione, che non fece.

Lo vediamo pure licenziato dal padrone dove lavorava, ed il piccolo S. Giovanni, obbligato dalla dura necessità, dovette allontanarsi — e per sempre! — dalla mamma che tanto amava e dalla quale era riamato.

Si recò in Francia, lavorò a sosta un po' qua un po' là, e non appena venivano a sapere che lui era anarchico, si sentivano obbligati a licenziarlo e segnalargli alla polizia.

Cosicché, oltre alle dure ed amare delusioni dell'attuale società, doveva spesso accarezzare d'avvicino le gioie della disoccupazione, della fame e della prepotenza sbriscata del sanguinario Sadi-Carnot.

Arrivò fino a Cette dove lavorò (quasi indisturbato) qualche settimana, ma poi anche di lì venne scacciato. Di nuovo si trovò sul lastrico. Che fare? o morire di fame, o rubare, o ribellarsi, o rassegnarsi vergognosamente. Preferì la ribellione e si ribellò contro tutto e tutti.

Aveva ricevuto una quarantina di franchi, ne spese cinque o poco più per comperarsi il servo fedele.

Sapeva che il giorno 24 giugno vi era a Lione una festa presidenziale. Subito si incamminò per la metropoli del sud-est di Francia.

Viaggiò un po' per ferrovia, ma poi capì subito che i denari che possedeva non gli sarebbero bastati per giungere alla sua meta. Decise di camminare a piedi e di nutrirsi con pane ed acqua delle fontane che trovava qua e là lungo il cammino.

Viaggiò tre giorni consecutivi, finalmente arrivò nella grande e popolosa città del velluto.

Gironzoló di qua e di là finché fece le sue pratiche, preparò il celebre «bouquet» che doveva abbagliare la vista del massacratore Sadi-Carnot e dei suoi bravi e fedeli aguzzini.

Il presidente della terza repubblica aveva levato (almeno in apparenza) per quel giorno ogni sorveglianza speciale intorno al suo landeau, dando così la libertà ad ogni cittadino di presentargli omaggi, fiori od altro. S'ingannò. E' fatalità, è storia. Infatti, il giovane e simpatico cherubino approfittò di questa libertà per fargli gli omaggi meritati! Così il celebre massacratore pagò il fio dei suoi delitti colla propria vita.

Caserio a stento poté attraversare i forti cordoni di polizia che assediavano le vie dove passava il corteo presidenziale; tra una spinta e l'altra poté finalmente attraversare la forte moltitudine di popolo imbevuto, accecato, incrinato dalle menzogne patriottiche e religiose, ed avvicinarsi alla vettura — ormai storica — presidenziale.

Colla destrezza di chi offre la propria vita per un fine giusto e umanitario, saltò sul prodelino della vettura ed offrì il mazzo di fiori, mentre colla destra fece un piccolo movimento e colpì.

Colpi giusto! I morti di fame e di mitraglia della terza repubblica erano in parte vendicati!

Colla velocità del lampo s'allontanò, ma non poteudo frenare la gioia ineffabile che lo animava per il buon successo avuto, gridò alto: Evviva l'anarchia! Fu rincorato, arrestato, condannato e ghigliottinato il 16 di Agosto dello stesso anno.

Concludendo. La borghesia crede e crede ancora che colla morte dell'insorto avrà spento l'anarchismo. No, ben al contrario, voi uccidete gli uomini, ma con essi non seppellirete l'ideale che a passi di gigante s'avanza verso un nuovo orizzonte, travolgendo seco la vostra decadente Bastiglia. Caserio germinò Lucchini, Acciarito, Angiolillo, Bresci, Morral, Masetti, D'Alba, Bonnot e tanti altri che occorrerebbero dei volumi per enumerarli.

Rassicuratevi, egregi vampiri e dominatori dell'oro, la vostra civile società è in agonia, nascondetevi finché siete in tempo. La bufera scatenantesi dai denutriti e dei senza tetto sta per raggiungere la sua meta. Così la storia.

Chi conosceva Caserio, Bresci ed i Bonnot prima del loro eroico atto? Nessuno. Questi oscuri eroi vivono a legioni nel mondo, nè voi potrete ucciderli tutti.

S. Paolo, 15 6 913.

Della-Vesa Virginio.

## AGITIAMOCI!

Cosa aspettiamo?

Tutti si lagnano del carovivere e in coro gridano: Così è impossibile continuare; gli affitti ingoiano la metà di quello che l'operaio con fatiche e sudori può guadagnare. A destra l'insultano, a sinistra lo fuggono, come fosse un lebbroso, dietro i cagnozzi pronti ad avventarsi sulla preda, e d'innanzi il baratro, vaticinato dagli uni, o la fatalità cantata da D'Annunzio;

Vangate, vangate, o figli, per voi non c'è riposo.

Dalle rauche voci degli operai non si ode che la maledizione e labestemmia lanciata contro i più diretti causatori di tanta miseria, di tanto strazio.

I giornali ci raccontano i viaggi dei re, i banchetti degli ambasciatori, le feste date in onore dei deputati: ed intanto pochi maschietti arricchiscono rapidamente, imbrogliando a destra ed a sinistra, poi si gloriano e fanno scrivere dai giornali la loro «audacia», e le disoneste azioni sono raccontate, glorificate da questi e date in pasto agli affamati, che in mancanza di pane si accontentano di sapere «gli altri» ben pasciuti.

L'operaio nazionale, nella sua ignoranza, accusa la concorrenza straniera come causa del suo malstare. Altri, invece, incolpano il governo, cioè questo o quell'uomo (partiti qui non ci sono) e si affan-

nano affinché ci vada quest'altro comecchè uno e l'altro non fossero dilapidatori del denaro pubblico e simboli delle patrie, che vogliono con le loro leggi ed i loro cannoni mantenere la ricchezza di pochi e la miseria di tanti: l'operaio straniero, a sua volta, non fa che piangere sulle ricche bellezze (dimenticando la fame sofferta) del suo paese, e come un vecchio senza energia, pronto a scendere nel sepolcro, guarda il passato, così l'operaio straniero guarda ciò che facevano i suoi paesani nel lontano paese, e lascia i suoi sfruttatori fare ciò che vogliono nel paese in cui vive.

Qui a S. Paulo i socialisti, dopo l'espulsione di Vacirca, o sono scappati o morti; gli anarchici fanno fatto la propaganda filosofica gli uni, critica o anticlericale gli altri; i primi si sono stancati o anno sentito bisogno di riposo, i secondi; o l'anno fatta o vogliono farsi una posizione che loro garantisca la quiete... E gli operai che fanno?

Piangono e si lamentano! Ma che aspettate dunque? Volete che gli altri facciano per voi? Volete che gli altri vi difendano? Non sapete che nessuno è al potere e la generalità di occuparsi e affaticarsi per il bene dei poltroni? Non capite che se il rimedio ai vostri mali non lo cercate voi, se voi non mettete un freno alla tracotanza dei capitalisti, nessuno si muoverà, nessuno si occuperà della causa che è vostra, e sarete fatalmente dissanguati, massacrati dal capitale e dai governi.

Soffrirete tutta la vita e i vostri figli soffriranno quanto e più di voi e un giorno, quando vedranno che la colpa del loro misero stato sono in parte i loro genitori forse allora vi melediranno...

Su dunque, unitevi, agitatevi, fate qualcosa per il bene vostro e dei vostri figli, se no, qualche sentimentale commosso dalla vostra miseria verserà qualche inutile lagrima, qualche ribelle maledirà la società, il capitale, gli uomini, ma anche quella maledizione sarà impotente; qualche poeta, nei suoi beatissimi sogni, canterà le bellezze d'una futura società e inneggerà alla rivoluzione sociale, all'avvento della Comune proletaria, «ma la sua poetica indolenza non sazierà la fame cronica di chi lavora, non toglierà al ricco ciò che'egli rubb al povero e le terribili catene stringeranno sempre i nostri polsi.

Bisogna scuotersi, mandare al diavolo i predicatori della sottomissione, i glorificatori delle patrie, infami tutte; bisogna unirsi e agire, lasciando agli eruditi il perfetto e la volgarizzazione della filosofia.

Rinato.

— Que toda vez que uma classe conseguia criar essas condições económicas de superioridade e creou o órgão político adequado que defende os seus interesses, encerra-se nas suas possessões e acastela-se nos seus privilegios conquistados e não cede um palmo do terreno adquirido senão á viva força.

## La corsa all'abisso

Da molto tempo in qua i governi della borghesia, con la solita scusa della vantata difesa nazionale, hanno ridotto i popoli alle più estreme conseguenze della miseria. Dappertutto i lavoratori sono incredibilmente aggravati dal continuo rincaro dei viveri e dal «crescit eundo» delle imposte destinate a supplire le enormi spese degli armamenti pazzeschi che rappresentano una vera e propria corsa all'abisso.

O sott'occhio una rivista inglese: «Quarterly Review», che pubblica un articolo interessantissimo quanto significativo: «Growth of Expenditure on armaments», dal quale, a titolo di ammaestramento, estraggo le seguenti cifre che intendo di dedicare ai proletari pagatori silenziosi di queste folli spese, e pronti, inoltre, a versare stupidamente, a beneplacito dei governi, il loro sangue.

Ed ecco le cifre:

PAESI	Spese mil. e navali (Anni 1906-910)	perabitante
Austria-Ung	Fr. 907.250.000	L. 29,90
Francia	» 1.164.300.000	» 29,30
Germania	» 1.531.225.000	» 23,70
Inghilterra	» 1.576.075.000	» 34,20
Italia	» 534.956.000	» 14,90
Giappone	» 409.875.000	» 7,40
Russia	» 1.414.000.000	» 8,50
Stati Uniti	» 1.383.050.000	» 14,90

Un totale pari a lire 8.920.125.000, (otto miliardi novecentoventimilioni e centoventicinquemila lire).

E queste spese già per se stesse enormi, aumentano tuttavia. Per convincersene basta dare uno sguardo alle spese navali che dal 1902 al 1911 hanno aumentato dal 16 %.

Inghilterra — Spese navali (1902): 880.695.025; (1911): 1.122.051.175; aumento: 241.355.250; aumento %: 27.
Stati Uniti — Spese navali (1902): 400.310.930; (1911): 676.202.775; aumento: 275.891.825; aumento %: 74.
Germania — Spese navali (1912): 251.125.000; (1911): 550.794.700; aumento: 299.669.700 aumento %: 119.
Francia — Spese navali (1902): 304.617.075; (1911): 417.634.550; aumento: 113.016.475; aumento %: 37.
Russia — Spese navali (1912): 261.159.800; (1911): 331.759.400; aumento: 70.599.600; aumento %: 27.
Italia — Spese navali (1902): 121.000.000; (1911): 208.493.500; aumento: 88.493.500; aumento %: 73.
Giappone — Spese navali (1902): 92.631.775; (1911): 220.075.375; aumento: 127.443.600; aumento %: 137.
Austria-Ungheria — Spese navali (1902): 48.865.425; (1911): 128.809.550; aumento: 79.944.125; aumento %: 163.
TOTALE — Spese navali (1902): 2.300.450.950; (1911): 3.656.826.925; aumento: 1 miliardo 206.420.075; aumento: %: 56.

Dimodochè, perla marina, ovè si sono impiegati i milioni a profusione, le spese in nove anni sono aumentate press'a poco di un miliardo 300 milioni.

Per il servizio militare di tre anni, la Francia incomincia col chiedere 300 milioni, la Germania un miliardo, l'Italia, dal canto suo, domanda la bellezza di 200 milioni, per la sua flotta di guerra, senza calcolare i milioni che essa continua a sciacciare per le sterili sabbie infuocate di Libia. Le altre nazioni camminano coll'istesso modo, verso questo spaventoso gorgo, che minaccia d'ingoiare i popoli imbecilli che si querelano lasciandolo fare.

I miliardi che gli armamenti divorano ogni anno sarebbero sufficienti per trasformare l'Europa in un granaio dell'abbondanza, e basterebbero per procurare il benessere sociale di tutti i popoli, ora stretti nella più languida delle miserie umane.

Ma i popoli oggi giorno, non sanno far altro che lamentarsi miserabilmente, e piegare servilmente la schiena davanti alla casta avida, ferocemente vorace che li schiaccia, li affama e li abbindola con delle menzogne, conducendoli al macello come tante bestie.

Il disgustante e naseabondo spettacolo della guerra balcanica non è bastato per i nostri benemati dirigenti; essi vorrebbero rinnovare ciò in casa nostra.

A quale scopo? Non si sa precisamente — o per meglio dire, lo sanno troppo bene gli scaltri e sinistri maneggioni, in preda alla sitibonda mania di accumulare fortuna col sangue versato dai popoli: i quali, pur sapendo tutto ciò non sanno ribellarsi — ma: al contrario gridano ad alta voce: «Evviva la guerra!»

Andate adunque, branco di vili, a farvi ammazzare; e quando la mitralia sibillante vi stroncherà a migliaia vedremo se continuerete a gridare: «Evviva la guerra!»

No, essi grideranno, come nel 1870: «Evviva la pace!» anche se sarà vergognosa come quella fatta a Bordeaux dai «ruralis».

E noi che, in quell'epoca volevamo la guerra ad oltranza eravamo perseguitati come delle spie prussiane, o ci si segnava a dito con ironia come «les outranciers».

I più furibondi versò di noi, erano quelli che avevano gridato con le famigerate «blouse blanches» dei poliziotti: «A Berlino!»

Se vi fosse adesso una guerra, costese scene obbrobriose si ripeterebbero ancora, dacché gli uomini che ci passano tutti i giorni daccanto sono gli stessi, gli autentici; e se hanno cambiato senza dubbio cambiarono peggiorando.

Per giustificare le spese superlativamente eccessive e ingiustificabili degli avvenimenti, i governi trovano costantemente il pretesto della rivoluzione.

Pretesto, purtroppo, inesistente! Per fare la rivoluzione ci vogliono degli uomini, e gli uomini mancano, non vi sono, vi sono soltanto dei vermi che brulicano nella bava immonda dei preti e della borghesia.

AMILCARE CIPRIANI.

## I Morituri

Da Ricordi di un condannato politico

Che mi parli, che mi dici tu, o fantasma importuno, o incontentabile ironia dell'oscuro destino? Noi pallidi spettri d'uomini rimorti le mille volte, non sappiamo che risponderti, che chiederti: non vogliamo nè amarti nè odiarti; e poiché ogni nostro lamento contro di te è vano, è meglio tacere, e sembrar fiochi per lungo silenzio. E comi qui' io, uno dei tanti perseguitati dall'umana brutalità, a soffrire dentro queste quattro anguste mura del carcere, senza più speranza di vivere, di rivedere la luce del sole, di riabbracciare i compagni, di stringere al mio seno ormai esausto di forze e di sangue, la cara sposa del cuore.

Qui tutto è silenzio, tenebra, terrore: un'agonia lunga poggiora d'ogni morte crudele, mi gravita sulle palpebre, e mi scolorisce il viso! E i compagni non sanno... ma forse pensano al mio martirio che per loro subisce, e serenamente sopporto senza una lacrima, senza un lamento. Oh i compagni non ricordano più la mia fede che è ancora viva, poiché credono che essa sia già spenta com'è me. No! essa nell'ombra fosca della notte insonne, splende come una stella del cielo, e getta raggi di fuoco, sulla mia fronte dolorosa. O fede, tu sola mi sei la indivisibile e buona compagna qui, dove il mondo non esiste, dove la voce dell'uomo non giunge, dove la gioia non vive, altro che in sogno tormentatore.

I morituri ti salutano, o luce eterna dell'ideale per cui vivemmo, e combatteremo per cui soffrimmo ogni più amara persecuzione, ogni più tirannica pena. Noi morituri ti salutiamo, o grande ideale, che scendi a mitigare queste orrende del carcere. O libertà come sei lontana da noi ancora!... Perché non vieni a infrangerci queste catene di tortura, perché non ci dischiudi le porte che ci dividono dalla vita, perché non vieni, almeno, a ucciderci prima di vederli seppellir vivi, dalle mani spietate dell'aguzzino? Ma i compagni non odono non sanno; la voce dei morituri non giunge fino ad essi, dimentichi forze della nostra esistenza!

Perché? O pensiero terribile, perchè non mi lasci almeno soffrire il mio martirio in pace, nella solitudine più disperata, nell'isolamento più tormentoso. O coscienza degli uomini come sei vile ancora, come sei smorto o sole, che un dì accendesti nei cuori, che non eran nati per sentirlo e comprenderlo, il sacro fuoco dell'ideale! O cieco destino vuoi forse tu rimproverare la mia fede eroica, se gli uomini sono ancora menzogneri e traditori? Vuol tu, o serena immagine di libertà, che sempre mi sei dinanzi rinfacciare il mio eroismo, se ancora gli uomini tremano di paura, e impallidiscono dinanzi al pericolo, e di fronte alla morte generosa? O sublimi visioni del pensiero vendicatore, vuoi tu gettarmi sul viso il mio grande amore per te, se gli uomini ancora non lo sentono, e non lo sanno virilmente aprazzare?

I morituri nel carcere, ti salutano o luce

# Luta Social

**Confederação Operaria Brasileira**  
**Manifesto em prol do Segundo Congresso**  
*A's organizações operarias e aos trabalhadores em geral*

**Rio**

**Pelo bom caminho**

**COMPANHEIROS!**

Já está no conhecimento de todos a idéa lançada pela CONFEDERAÇÃO OPERARIA BRASILEIRA para a realização, de 8 a 14 de setembro, nesta capital, do «Segundo Congresso Operario Brasileiro».

Neste sentido foram expedidas circulares nas quais se demonstrou com argumentos solidos, eloquentes, o valor e o alcance extraordinarios para o proletariado do Brasil, dessa reunião em que ele pederá discutir e orientar-se sobre todas as questões que dizem respeito aos seus interesses. A's organizações operarias, principalmente, nos dirigimos mais uma vez, pois a elas cabe o imprescindível dever, como genuinas representantes das vontades proletarias que se irmanam e solidarizam para lutar, para que estudem e meditem sobre o momento atual que atravessa o trabalhador, e num esforço unisono se disponham, mesmo tendo de enfrentar todas as barreiras, a tomar parte nesse «Congresso», onde se poderá na troca mutua de idéas, na discussão criteriosa da questão social em todas as suas modalidades, convergir para o terreno que com mais probabilidade de êxito nos possa levar á conquista das nossas aspirações.

O «Primeiro Congresso», realizado em 1906, determinou uma orientação, estudou a questão economica, definiu enfim os metodos de acção a serem postos em pratica pelo operariado na luta contra o regime do salariato. O «Segundo Congresso», tratando de todos esses assuntos, irá além. Decorridos já tantos anos, sem uma reunião como a que atualmente nos preocupa, e isso por circunstancias diversas, é natural que tenhamos outras necessidades e, portanto, só por meio dum «Congresso», onde as diferentes opiniões se chocam é onde podemos acordar, delinear todas as nossas aspirações, toda a nossa ancia de liberdade e de conforto, só mesmo num «Congresso» isento de qualquer preocupação alheia aos nossos interesses é que nos poderemos entender e, ratificando, ou mesmo rectificando algumas das resoluções do «Congresso» anterior tratar de traduzir em realidade, em pratica o que ha muito vem sendo, em parte, apenas uma esperança.

Sim, companheiros! ha muito que fazer. Nada de tibieza, nada de indecisões. E' mister que nos reunamos em «Congresso»: a ocasião é oportuna: oportuna porque precisamos de nos entender, de nos conhecer, de estreitar os laços de amizade e solidariedade, e o «Segundo Congresso» nos poderá proporcionar o meio de encetarmos no Brasil um periodo de fecundas lutas tendentes a nos levar ao apice final das nossas reivindicações.

Apressem-se, pois, as organizações operarias de todos os Estados e tratem do assunto que preocupa atualmente todas as atenções proletarias. Avante, companheiros! Mãos á obra. As circulares que nesse sentido tem sido expedidas, tratando do assunto mais detalhadamente, vos deve merecer a máxima atenção, respondendo-as com a máxima brevidade. Lutemos, pois!

A Comissão Executiva.

A Sociedade de Resistencia dos Trabalhadores em Trapixes e Café está seguindo uma orientação louvavel, pondo os politiqueros a distancia respeitavel.

A Confederação Brasileira do Trabalho enviou a essa associação um convite, para que se fizesse representar numa «festa» que organizara para entreter os incautos.

A S. R. T. e Café repeliu esse convite e protestou contra a «C. B. T.» por ter incluido o seu nome na realização dessa festa, declarando que não comunga com qualquer partido politico, porque quer manter a sua completa independencia.

Pediu tambem que, para o futuro, não se tome o seu nome para cousa alguma.

Alégra-nos a racional orientação que os companheiros da S. R. T. e Café estão dispostos a seguir.

A independencia mantida repellido todos os pastores, todos os que se chamam defensores do operariado, todos os politiqueros, livra os operarios da nova exploração chamada politica.

## Conferencia de propaganda

Promovida pelo Sindicato de Officios Varios, realizou-se no domingo, 15 de junho, ás 10 horas da manhã, no local do cinema «Belém», gentilmente cedido pelo seu empregario, uma conferencia sobre o *Sindicalismo revolucionario*.

O companheiro encarregado de realizar essa conferencia, fez, com muita clareza, uma bela exposição das bases do sindicalismo revolucionario, demonstrando que o seu objectivo é orientar os operarios pelo caminho das rebeldias e eleva-los moral e intelectualmente, preparando-os para a luta contra a desenfreada exploração capitalista.

Em seguida falaram outros companheiros, os quais dissertaram sobre o mesmo tema e fizeram sentir a imprescindivel necessidade da organização.

Por ultimo um companheiro usou da palavra e depois de fazer uma ligeira apologia das organizações operarias e da luta social que o proletariado sustenta contra o nefasto quão inutil regime capitalista, apelando para a solidariedade dos companheiros, abriu, em prol do companheiro Joubert, uma subscrição voluntaria entre os presentes, a qual n'um instante atingiu a quantia de 12\$000.

A conferencia foi regularmente concorrida.

## PRO JUBERT

	Soma anterior	61\$700
L. L.		5\$000
S. V.		2\$000
Robustiano Martins		1\$000
J. P. Martins		1\$000
Coleta feito no comício do Belenzinho		12\$000
Lista a cargo do companheiro, P. Marino, em Braçança.		61\$500
Lista Campos Santos.		
M. Campos		6\$000
José Liste		5\$000
José Martins		5\$000
José Garcia		5\$000
Francisco Ferreira		5\$000
Samuel Rodriguez		5\$000
Um Libertario		3\$000
A. P. R.		2\$000
S. Fernandes		2\$000
Antonio Fornos		1\$000

Afonso Moreno	2\$000
Antonio Matias	5\$000
Bernardino Martins	2\$000
Augustinho Moreira	1\$000
Antonio Erbelha	500
Antonio Luiz	1\$000
Manoel Perdigão	1\$000
<b>Total.</b>	<b>19\$700</b>

## Correspondencia Libertaria

CECILIO (Rio). — Responderei por carta. FLORENTINO BARBOSA (Rio)—De acordo em parte.

—Florentino. SANS (R. Pires). — Se for possível sairá no proximo número. Por enquanto não penso em passar por aí. — Florentino.

CAMPOS (Santos) — Os livros já foram comprados; serão enviados imediatamente. — Florentino.

SCALETTI (Sorocaba) — Espero resposta urgente a esta pergunta: No domingo proximo vem daí alguém para ir visitar o camarada Joubert? — Felipe.

PELOIA (Campinas). — Só temos um exemplar da G. R., o outro já vendido.

## Biblioteca do Germinal!

Pequena Biblioteca do GERMINAL.

### Evolução e Revolução

— DE —

#### ELIZEU RECLUS

Obra de critica e doutrina anarquista com 150 paginas, nitidamente impressa em optimo papel e cuidadosamente traduzida pelo camarada Neno Vasco.

Em venda para beneficio do jornal, nesta administração, ao preço de 1\$500 cada exemplar.

Ideal. — Alegoria de Sacristá. . . \$300

Dichiarazione. — Etievant. . . \$300

Il Trionfo del Vero. — La corte . . . \$300

Cristo non è mal esistito. . . \$500

La Teoria Darwiniana Espiegata Popolarmente —Luigi Fabri . . . 1\$000

Memorie de Bunot — P. Valera . . . \$400

Georgicas — Neno Vasco . . . \$100

Temos tambem um volume de cada um das seguintes obras:

Em volta duma Vida ou Memorias de um Revolucionario. P. Kropotkin . . . 2\$000

Evolução e Revolução de Reclus Grève geral — encadernados num só volume bem impresso . . . 2\$200

Cinquant'anni di Socialismo — Grosso volume de grande formato com 500 paginas e bem encadernado . . . 3\$500

O Socialismo na Europa — Magalhães Lima enc. . . 3\$200

Canti Sociali e il Delitto del Dottore, num só volume encadernado . . . 2\$000

N. B. — Os pedidos devem ser dirigidos a R. Felipe, caixa 134, S. Paulo.

Expedição pelo correio franco de porte. a

### Obras em Português

A 1\$500 encadernadas, e mais 200\$ por para o porte do Correio.

Nardau. As mentiras convencionas 2 vols. Flamarion Habitantes dos outros mundos. G. Benarb. O que é o Socialismo. P. Ellzbacher. O anarquismo. Novocro. A Emancipação da Mulher. Carpenter. Prisões, Policia e Castigos. C. Marx. O Capital, reis 1800 em brochura e 2500 enc.

Zola. A Derrocada 2 vols. » Naná 2 vols. » O dinheiro 2 vols. » A obra. 2 vols. » A besta humana 2 vols. Tolstoi. O Canto do Cisne. » Ana Karenine 2 vols. Diderot. A Religiosa.

Obras de educação racional

1. — Como si deve educar o espirito, do Dr. Toulouse, (2.a edição).

2. — Iniciação astronomicas, de Flamarion, ilustrado com 156 gravuras.

3. — Iniciação quimica, de Darzens illust. com 33 gravuras.

4. — Iniciação matemática, de Laissant, illust. com 103 gravuras.

5. — Iniciação zoologica, de Brucker, illust. com 165 gravuras.

bella dell'ideale anarchico che non muore, che non conosce tramonto, nè qui nè altrove; anche se la mano pallida e tremante verso di te si eleva, anche se fioca è la voce che inneggia alla tua immortale bellezza, deh tu sorridenti ancora nell'ora estrema, del nostro spirito vitale. Tu solo non ci hai traditi, non ci hai traditi, non ci hai vilmente abbandonati, non ci hai ripudiati come fratelli, come compagni.

Lascia che noi ci consoliamo del tuo aspetto invocato, e poi benediremo alla vita nuova che verrà, nel tuo nome e nella tua vittoria immancabile. Se vil fango è il nostro corpo, l'avrà la terra o il fuoco; ma l'ideale sopravvive alla tomba, e la ricopre di edera e di fiori, perchè gli uomini ricordino, perchè tremino i tiranni, perchè il vero conosca l'umanità che geme.

Noi miseri naufraghi nel gran mare della vita, caliamo nel fondo del silenzio e dell'oblio. Ma sul quel mare infinito splende alto ed immenso il sole dell'ideale quel sole che tutto muove e feconda, che tutto avvicinda e trasforma sospingendolo verso una perfezione più grande, ed una felicità più intera.

FERD. ROSSI.

## Verso l'anarchia

In un prossimo avvenire, in grazia della libera associazione, della cooperazione e della solidarietà universale, gli uomini godranno tutti egualmente gli immensi benefici della scienza applicata alla meccanica, all'industria ed all'agricoltura. «Una libera associazione sarà in anarchia il reggimento del gruppo, del comune; una più grande ancora sarà quello della famiglia umana».

Resta dunque dimostrato che l'organizzazione anarchica, basata sulla libera associazione, non è la fabbricazione di un sistema più o meno complicato, più o meno ingegnoso, quale sarebbe, ad esempio quello voluto dai collettivisti legalitarii bensì il naturale svolgimento del progresso sociale.

Sarà dunque possibile l'attuazione delle teorie comuniste anarchiche? Sarà possibile l'anarchia?

Per dire di no dovranzi negare gli esempi di libera associazione, dateci dalle cooperative di lavoro, di consumo, ecc. che, tenuto calcolo delle enormi difficoltà incontrate nell'attuale ambiente in cui si svolgono, raggiungono il prodigioso; per dire di no, si dovrebbe negare il progresso morale e sociale che dalla tribù selvaggia ci portò al presente complicatissimo organismo sociale; per dire di no, dovranzi negare le leggi naturali costanti, indistruttibili che regolano il corso progressivo dell'umanità; per dire di no dovranzi per ultimo negare, il buon senso, la giustizia. Ma allora «meglio sarebbe credere a nulla, piuttosto che credere a nulla, piuttosto che credere che la giustizia non sia possibile!

Molti borghesi evolucionisti hanno trovato modo di lusingare le masse operaie propugnando la cooperazione come mezzo pratico per giungere al graduale abbattimento dei capitalisti.

Ciò, in vista della coalizione dei capitalisti stessi, è semplicemente assurdo. Ma ammesso che fosse possibile, il che non è, ne avverrebbe inevitabilmente che i capitali individuali, rimarrebbero costituiti dai capitali in forma collettiva rappresentati da ogni società cooperativa. La piccola cooperativa si troverebbe in balia della grande, quindi senza associazione e solidarietà universale; dai lavoratori sorgerebbero nuove classi di deboli e di forti, di ricchi e di poveri, di sfruttatori e di sfruttati.

Tanto è vero che l'antagonismo, la concorenza, tra le società cooperative di lavoro della stessa arte e dello stesso mestiere, si manifesta già fin d'ora.

Ne consegue che la libera associazione con le cooperative, nell'ambiente attuale, invece di unire gli operai, li divide e ne fa degli egoisti. Ci terremo, noi a questo doloroso esperimento? Addormenteremo noi l'operaio con inuili speranze? Prolungheremo la di lui agonia per migliaia d'anni ancora?

### Riceviamo e pubblichiamo

Voglio chiudere con questa una discussione che allungandosi annoierebbe e potrebbe servire a terzi danneggiando pure il giornale occupandogli posto destinato a più prezioso lavoro.

E nel «Un cappellaio» non mi ha ben compreso ed io cercherò di chiarira punto per punto ciò che egli ignora.

Il 20 Maggio gli operai della ditta Romanoni riuniti in assemblea, rafferamarono — la già approvata necessità di riorganizzare la lega «Cappellaio in Generale» invitando a far parte di essa tutti i lavoratori, in pelo, lana, paglia e monetti, residenti in questo stato.

Gli operai presenti alla riunione votarono una mozione esigendo dalla ditta il denaro della multa per consegnarlo alla commissione permanente, in detta fabbrica la quale poi lo verserebbe nella cassa sociale, e questo caro cappellaio è già in possesso della commissione provvisoria.

Non fu la ditta a proporre tal soluzione alla commissione dello sciopero, ma anzi fece comprendere ch'essa ditta non voleva rimanere in possesso del denaro, nè destinarlo a questo o quello scopo, ma vorrebbe discutere e risolvere di comune accordo.

Dei maestri e contra maestri non vi preoccupate, ve ne sono in tutte le fabbriche e tutti uguali del resto poi fanno il loro dovere, eletti ad aguzzini dai suoi padroni devono mostrarsi tali ed essere degni del posto che occupano.

Lasciate da parte le oche capitoline e venite con noi, come per il passato, vedrete che abbiamo fatto tutto il bene che sapevamo fare.

Con la Lega disorganizzata quali ordini del giorno doveva proporre? Convegno che prima dello sciopero io e altri lavoravamo per riorganizzare e confesso che approfittammo dell'occasione.

Conveniente ora che se per il passato si fosse stati più attivi la Lega non moriva, e non ci sarebbe stato bisogno dello sciopero.

Se il proletario a accettato il chinino di Stato, il diritto di sciopero, e relativi comizii con poliziotti alla testa, se al comizio del 1. giugno intervennero 24 per protestare contro la legge Gardo, la colpa è proprio di quelle teorie che lasciano il proletario in balia di sé stesso, dei politicanti di tutti i colori a fianco delle leghe cattoliche.

E' bello sognare le delizie d'una società futura, ma è meglio preparare gli uomini e per far ciò bisogna avvicinare la gioventù ed essere sempre in contatto con chi lavora per fargli sentire la necessità della ribellione.

La questione sociale non la risolve i sindacati ma in questi dobbiamo seminare le nuove e buone idee riunendo i rivoluzionari che abbatter la decrepita società borghese per fondare la comune anarchica.

CANZIO COLTORTI

## Respondendo ao nosso apêlo

Esperamos que o crescente interesse que a nossa iniciativa vai despertando entre os camaradas, não tardará em transformar-se numa bela realidade.

Camaradas. Saúde! Respondo hoje ao apêlo feito com relação á publicidade do *Germinal* em quatro paginas.

Sobre este assunto, creio, não poderá haver opinião discordante, pois não devemos ignorar que só assim poderá o *Germinal* melhor satisfazer as exigencias da propaganda a que é destinado.

Bem vemos que em duas paginas torna-se deficiente e não satisfaz as exigencias mencionadas, não sendo necessario entrar em detalhes quais sejam elas.

Assim pois, nestas breves linhas eu deixo o meu franco apoio á idéa aventada. Rio — 6 — 1913

Cecilho Vilar.

## Rebeldes, não submissos

Tomar a sua tarefa de investigar o que succede nas fabricas, com relação aos escravos que nelas trabalham, depois que a lei monstruosa do repudiado Gordo foi sancionada, unicamente para restabelecer o regime da moderna escravidão nesta decantada terra do jesuitismo e da exploração é um trabalho que requer não só muita energia, como tambem boa vontade e o que é mais ainda, não ter medo, porque francamente, parece que o medo se apossou da energia do proletariado paulista, tanto é assim que ás reuniões da sua classe ele liga bem pouca importancia.

Não quero com isto dizer não haja entre esses petrificados operarios, companheiros que chegam até o sacrificio, se tanto for preciso com tal que com o seu esforço consigam demover o indiferentismo que já se vai tornando crônico, e o clássico — «que me importa!» dos que, pondo de lado as questões que mais directamente os affectam, já pela sua posição de assalariados, já pelo dever inabalavel que se lhe impõe de opôr a sua consciencia rebelde e os recursos da sua intelligencia, como barreira invencivel contra os patrões, prestam inconscientemente o seu concurso aos proprios tiranos que os oprimem.

Estes eternos escravos da prepotencia e do atropêlo, sofram a consequências do regime autoritario e medioeval que impera na estúpida e madrastra sociedade actual, fingindo não sofrerem dedução não podemos aduzir sinão que, procuram manhosa e hipocritamente occultar as dores que lhes dilaceram a alma, a miseria que lhes invade o lar.

Entretanto, é o culpado directamente, tanto ou mais que os seus companheiros de infortunio, porque aqueles demonstram ao menos que, não, occultando o seu verdadeiro padecimento, a energia e convicção que nutrem os consola com poder ao menos gritar destemidamente: *Sou consciente, saberei pugnar pelos meus direitos*, enquanto áquele occultado transige, pactando o seu assentimento com a opressão e a iniquidade. (Continúa)